



OS SENTIDOS E OS SIGNIFICADOS DA TORCIDA FEMININA NOS EVENTOS DE FUTEBOL EM BELO HORIZONTE-BRASIL (1913-1927)*

The senses and meanings of female fans in soccer events in Belo Horizonte-Brazil [1913-1927]

Recibido: 27-10-2022

Aceptado: 2-12-2022

Euclides de Freitas Couto

Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil

euclides@ufs.br  0000-0000-0000-0000

RESUMEN O artigo analisa a participação das mulheres nos espetáculos futebolísticos na cidade de Belo Horizonte entre os anos 1913 e 1927. Ao longo desse período, de maneira particular na capital mineira, a imprensa destacou a participação feminina nos jogos de futebol, buscando valorizar a presença das moças da elite nos espetáculos esportivos. Por outro lado, a análise sustenta a hipótese de que a participação das mulheres nos eventos relacionados ao futebol possibilitou a conformação de um novo *habitus* feminino decorrente das trocas simbólicas promovidas pelas interações no espaço público.

PALAVRAS-CHAVE futebol, torcida feminina, *habitus*, Belo Horizonte.

ABSTRACT *The article analyses the attendance of women in soccer events in Belo Horizonte from 1913 to 1927. During this period, especially in the capital of the state of Minas Gerais, the press highlighted the participation of elite women in sports events. Furthermore, the analysis holds the hypothesis that women attendance in events related to soccer enabled the development of a new female habitus resulting from symbolic exchanges fostered by interactions in public.*

KEYWORDS Soccer, Female attendance, *Habitus*, Belo Horizonte.

RESUMEN El artículo analiza la participación de las mujeres en los espectáculos de fútbol en la ciudad de Belo Horizonte, entre los años de 1913 y 1927. Durante este período, particularmente en la capital de Minas Gerais, la prensa destacó la participación femenina en los partidos de fútbol, buscando valorizar la presencia de mujeres de la elite en espectáculos deportivos. Por otra parte, el análisis desarrolla la hipótesis de que la participación de las mujeres en eventos relacionados con el fútbol permitió la formación de un nuevo *habitus* femenino resultante de los intercambios simbólicos promovidos por las interacciones en el espacio público.

PALABRAS CLAVE Fútbol, afición femenina, *habitus*, Belo Horizonte.

Como citar este artículo:

DE FREITAS COUTO, E. (2022): "Os sentidos e os significados da torcida feminina nos eventos de futebol em Belo Horizonte-Brasil (1913-1927)", en *Revista Internacional de Historia de la Comunicación*, (19), pp. 15-31. <https://dx.doi.org/10.12795/RIHC.2022.i19.02>

* Este texto é uma versão atualizada do artigo intitulado "Entre flertadas e goleadas: a ampliação do *habitus* feminino burguês nos eventos futebolísticos belo-horizontinos (1908-1927), publicado na *Revista de História Regional*.

1. Introdução

O objetivo deste artigo é analisar a participação das mulheres nos espetáculos futebolísticos na cidade de Belo Horizonte (Brasil), entre os anos 1913 e 1927. Ao longo desse período, de maneira particular na capital da província de Minas Gerais, a imprensa destacou a participação feminina na assistência dos jogos de futebol, buscando valorizar a presença das moças pertencentes às elites nesses espetáculos esportivos. Um complexo circuito de sociabilidades que envolvia a ida aos estádios e aos bailes promovidos pelos clubes de futebol, se conformou em uma das principais atividades de lazer das famílias burguesas na cidade de Belo Horizonte.

Desenvolvemos a hipótese de que a participação das mulheres nos eventos relacionados ao futebol possibilitou a conformação de um novo *habitus* feminino, no sentido bourdieusiano. As trocas simbólicas decorrente das interações e sociabilidades no espaço público permitiram às mulheres experimentar novas formas de se relacionar com o mundo e com seus próprios corpos. Ainda que nas representações veiculadas pela imprensa burguesa, as mulheres fossem consideradas como um “ornamento” que proporcionava beleza, simpatia e alegria aos estádios, elas puderam romper a barreira do enclausuramento imposta pela limitação da vida nos espaços privados para desfrutar das sociabilidades efêmeras promovidas nos espaços públicos. Privadas das sociabilidades promovidas na esfera do trabalho, a maior parcela das mulheres pertencentes às elites se valia das ocasiões festivas e das limitadas possibilidades de lazer para se relacionar nos ambientes públicos. Nesse mesmo período, enquanto nas classes populares via-se as mulheres nas trincheiras das lutas por igualdade salarial, melhores condições de trabalho e sendo protagonistas nas greves operárias (Fraccaro, 2017: 81-82), nas elites as forças do patriarcado conduziam a vida das mulheres ao enclausuramento, reduzindo suas interações sociais ao trabalho reprodutivo, ao cuidado com os filhos e ao circuito dos eventos religiosos e suas festividades.

Nesse sentido, as reflexões sobre a presença feminina nos estádios, inspiram-se na categoria de gênero, aos moldes delineados por Joan Scott (1995). Ou seja, a proposta de estudar a presença feminina nos espetáculos esportivos, no início do século passado, considera o caráter relacional entre os sexos, enfatizando as conotações sociais do gênero em detrimento das dimensões físicas do sexo. Além disso, no rastro do desenvolvimento do campo de estudos da “História das Mulheres”, cujos rebatimentos epistemológicos têm influenciado a História dos Esportes, o viés interpretativo deste estudo desloca-se de um ponto de vista generalista, no qual a mulher é vista como um “bloco uníssono” para um paradigma pluralista, onde se enquadram as histórias “de mulheres”. Em outras palavras, as mulheres são examinadas como sujeitos históricos interpretados pelo viés interseccional, como propõem Collins; Bilge (2021). Nessa abordagem, as variáveis de gênero, raça, classe, territorialidade, dentre outras, são indissociáveis para o entendimento da relação entre o agente e a sociedade. Um exemplo dessa tendência pode ser constatado no estudo de Bonfim (2019) que se dedicou a analisar as experiências femininas no futebol no início do século passado. Sua análise revela que

fora do circuito elitista do clubismo, em vários estados brasileiros como no Rio de Janeiro, em São Paulo e no Pará, proliferavam experiências femininas tanto no âmbito da prática futebolística, quanto nas plateias dos circos, nas festas esportivas e de outros espaços de lazer onde as mulheres exerciam seu protagonismo, como sinaliza Bonfim (2019: 187-188).

Neste artigo, em especial, tratamos especificamente das experiências de mulheres brancas, heterossexuais, de classes abastadas no âmbito do circuito elitista formado pelos clubes masculinos de futebol, o que, evidentemente, não exclui a possibilidade de historizar outras formas de participação das mulheres no incipiente campo esportivo da cidade de Belo Horizonte, como já anotado em outros trabalhos a exemplo de Rodrigues (2006), Souza Neto; Campos; Silva (2013), Botelho (2022).

O cotejamento inicial às fontes escritas, sobretudo aos periódicos que circulavam na época, revela que nos estádios da capital mineira, encontrava-se uma plateia composta pelas mais respeitadas famílias da sociedade local. Assim como nas praças esportivas do Rio de Janeiro e de São Paulo, as arquibancadas, tomadas por “gente da melhor estirpe”, eram verdadeiras passarelas onde as “senhoras e senhoritas” desfilavam os últimos lançamentos da moda parisiense. Com efeito, a presença feminina nos campos de futebol refletia as transformações sociais por que passava a sociedade belo-horizontina naquele período. A frequência dos espaços públicos, especialmente os estádios, sugere que o rompimento com os costumes tradicionais incluía a ampliação dos estreitos limites da vida privada das mulheres. Se em outros centros do país como no Rio de Janeiro a presença feminina nos estádios era percebida pelos cronistas apenas como um aspecto acessório, que contribuía para o embelezamento do espetáculo, como sugere Leonardo Pereira (2000: 76), em Belo Horizonte as mulheres se tornaram protagonistas, participando ativamente das atividades que envolviam os clubes de futebol. Ao constatar que as mulheres desempenharam o papel de torcedoras, de madrinhas dos clubes e participaram dos bailes realizados pelas agremiações esportivas, levantamos a hipótese que o futebol remodelou o *habitus* feminino, contribuindo para a integração das mulheres a novos espaços da vida social na capital mineira.

A partir dessas incursões preambulares, o itinerário proposto nesse artigo visa analisar os discursos construídos pela imprensa belo-horizontina sobre a participação feminina nas atividades ligadas ao futebol entre os anos de 1913 e 1927. Apesar de os estudos realizados em torno da origem do futebol em Belo Horizonte apontar o ano de 1904 como o ano do surgimento da primeira agremiação esportiva que se dedicou ao futebol na cidade, conforme assinala Ribeiro (2007: 152), a construção da primeira praça esportiva destinada à prática do futebol teve início em 1913, quando no Prado Mineiro, local destinado às corridas de cavalo, foi construído o primeiro estádio de futebol, onde o Club Athletico Mineiro e o América Football Club, agremiações notadamente elitistas, mandavam seus jogos. Nesse período a disseminação do futebol se deu por outros espaços da região central da cidade, quando, ao adquirir notoriedade entre as camadas mais abastadas da população, sua prática passou a ser incentivada pelo Estado, que cedeu importantes áreas urbanas para a construção de estádios, como assinala Couto (2003: 99).

2. Metodologia

A maior parte do *corpus* documental deste estudo reúne exemplares de periódicos pertencentes à chamada imprensa tradicional. Ou seja, jornais e revistas que, no início do século passado, circulavam em pequenas tiragens destinadas às elites letradas das principais cidades brasileiras. Trata-se de documentos que expressam representações afinadas com interesses modernizadores, preconizados pelos grupos hegemônicos. O esporte, o lazer e a corporeidade feminina assumem nessas representações feições civilizatórias, higiênicas e cosmopolitas, conforme indica Melo (2010). Os discursos representam, portanto, a projeção de um ideal elitista e restrito sobre as mulheres e as suas respectivas “funções” sociais no rol das atividades que compunham a *high life* mineira.

Embora a pré-seleção das fontes incorporasse um número expressivo de representações extraídas das diversas formas de discursos (crônicas, reportagens e imagens) veiculados pelos periódicos, julgamos prudente a complementação do *corpus* documental. Assim, com o intuito de ampliar a compreensão sobre as atitudes, gestos e significados que as mulheres atribuíam ao futebol, objetos centrais de nossa investigação, recorreremos também às fontes orais. As entrevistas foram realizadas com quatro pessoas que participaram ativamente das atividades futebolísticas em Belo Horizonte na década de 1920: um ex-dirigente, um torcedor e duas torcedoras.¹

Em relação a esses depoimentos, optamos desde o primeiro momento pelas entrevistas temáticas, uma vez que as narrativas de vida, na maioria das vezes, desviam a atenção do entrevistado para outros assuntos que não se inserem no universo da pesquisa. Assim, as questões propostas buscaram, de forma geral, direcionar a rememoração dos entrevistados para o objeto pesquisado. Este procedimento, entretanto, não os privou da lembrança de situações particulares ou coletivas significativas em suas vidas, importantes, portanto, para o afloramento das tensões políticas que permeavam o período em questão. Partindo da premissa de que a memória é o “substrato da identidade” (Neves, 2000: 113), acreditamos que essas entrevistas se constituíram como momentos vivificadores da relação entre história, memória e identidade. Portanto, a produção desses documentos orais envolveu, simultaneamente, um exercício intelectual que concilia intersubjetividade e busca de evidências históricas, que, ao fim e ao cabo, permitiu a captação das idiosincrasias presentes nas trajetórias pessoais dos entrevistados, que só poderiam aflorar pelo processo da rememoração.

1. As entrevistas foram selecionadas a partir de um conjunto de depoimentos orais colhidos entre os anos de 2002 e 2003, parte integrante do *corpus* documental utilizado nas análises formuladas pela dissertação de mestrado intitulada “Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)” desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, sob a orientação da Prof. Dra. Lucília de Almeida Neves Delgado.

3. A chegada do futebol em Belo Horizonte

Na última década do século XIX, a concepção urbanística moderna que inspirou a construção da cidade de Belo Horizonte, a nova capital de Minas Gerais, destinou parte considerável da área central da cidade para a construção do Parque Municipal. O lugar, com localização privilegiada, era destinado a cumprir uma função para às elites locais que ocupavam aquela região: inspirado na tríade urbanística “salubridade, comodidade e embelezamento”, o parque espelhava as preocupações da comissão construtora da cidade quanto à existência de espaços verdes e áreas de lazer ao alcance da população, conforme salienta Salgueiro (1997: 160). Todavia, um ano após sua inauguração, o lugar já acumulava outros usos, além daqueles inicialmente atribuídos: as corridas de bicicleta, em 1898, já indicavam que o espaço também serviria de abrigo para práticas esportivas, tanto que, em 1904, rapazes da alta sociedade local fundaram o *Sport Club*, o primeiro time de futebol da cidade. A partir de então, o Parque Municipal entrou definitivamente para a história de Belo Horizonte como uma praça destinada à prática de esportes. Em 1908, no coreto localizado no parque, alguns jovens estudantes fundaram o *Athletico Mineiro Football Club*. A agremiação centenária que iniciou suas atividades num campo improvisado no interior do parque, em poucos anos passou a ocupar terrenos baldios em outros pontos do centro da cidade até a construção do Estádio do Prado Mineiro em 1913.

A partir da destacada adesão dos frequentadores do parque —paralelamente a outras atividades esportivas— que a prática do futebol se expandiu para outros espaços da região central da cidade. Foi nesse contexto que em 1912 surgiu o *America Football Club*, agremiação cuja base social possuía as mesmas características do *Athletico*: jovens provenientes das famílias mais abastadas da cidade. Incorporado pelas elites como uma prática elegante e saudável, o futebol foi incluído ao rol das atividades mais apreciadas no início do século XX: para os praticantes, ele representava a imagem do novo homem — saudável, viril e cavalheiro; para os espectadores, a participação nos eventos esportivos era vista como marca de distinção e elegância. Com efeito, o futebol, assim como outros esportes, se enquadra no conjunto de atividades que Norbert Elias e Eric Dunning (1996: 23) definiram como “práticas civilizatórias”. Ao reproduzir, tanto para os jogadores, quanto para o público, aspectos estruturantes das sociedades modernas, como a individualização, a busca da emoção, a tensão e o conflito, o futebol contribuiu para a conformação de um novo *habitus*, aos moldes propostos por Bourdieu (1971) para a elite belo-horizontina. Em outras palavras, o futebol permitiu aos *sportsmen* e às mulheres a adesão a um novo tipo de economia simbólica (Bourdieu, 1979), na qual os vínculos de pertencimento, as disposições de solidariedade e de hierarquia se configuravam em um campo restrito aos seus participantes: os jogos, os bailes e os demais eventos relacionados aos clubes de futebol.

4. A cidade e o futebol: a reconfiguração da vida social nos espaços públicos em Belo Horizonte

Senhorita R. N. A sua presença *sympathica* é indispensavel nos nossos fields. Confundindo nossos players com a graciosidade eloquente simples do seu sorriso, a senhorita é, talvez das torcedoras de Bello Horizonte a mais ardosa das torcidas... de amor e football. É esse calor, senhorita, é mais uma influencia da sua grande e radiosa belleza, embriagando os olhares enamorados.²

Extraídas de uma crônica publicada em *O Football*, semanário esportivo que circulava em Belo Horizonte no ano de 1917, as palavras acima além de evidenciar que a presença feminina nos estádios era motivo de elogio dos cronistas esportivos da época, revelam que o estádio de futebol se tornara um ambiente propício para o flerte entre os jovens. Naquele tempo, o futebol, considerado uma prática saudável e elegante, não atraía apenas os jovens praticantes. As famílias mais bem estabelecidas viam nos jogos a possibilidade de participar de um evento requintado e de caráter cosmopolita, onde experimentava-se um novo tipo de sociabilidade que envolvia as maneiras de ver e de ser visto, que implicava, necessariamente, em novas formas de interação e envolvimento no espaço público.

No limiar do século XX, o universo feminino brasileiro estava profundamente atrelado ao imaginário social europeu, conforme assinala Quintaneiro (1995: 37), no qual valores culturalmente impostos, como a fidelidade e a virtude, ligavam-se à ideia de que a mulher não deveria sair do seu ambiente privado. O respeito à figura do *pater familias*, representado pelo pai ou pelo marido, impelia as mulheres “à sujeição voluntária a uma ordem impessoal regulada pela esfera pública, em todo caso, governada pelos homens”³. Reproduzindo esse cenário, os homens brasileiros impunham o controle e a vigilância culturalmente importados das relações patriarcais portuguesas, as quais previam o enclausuramento e a ausência das mulheres do dia a dia das ruas brasileiras. Os momentos em que era comum a presença feminina nos logradouros públicos eram bem demarcados: nas idas e vindas da igreja, de manhã cedo ou de noite, na companhia de criados ou dos filhos, e nos dias santos e domingos, na companhia de toda a família e da criadagem.

Entre as últimas décadas do século XIX e o início do século XX, a ausência de espaços públicos para a convivência pode explicar, pelo menos em parte, a privatização dos encontros nos lares e residências. Em ocasiões precisamente determinadas, como as missas e as festas religiosas, eventos tidos como “diversões sadias”, as mulheres ricas, acompanhadas dos seus “negrinhos”, desfilavam seus vestidos caros e podiam ser admiradas, com a devida descrição, pelos finos rapazes. As raras possibilidades de encontro entre homens e mulheres demonstram o rigoroso controle imposto pelos valores tradicionais; e essa pouca convivência, sempre restrita ao espaço doméstico, pode constituir um fator explicativo do grande número

2. Sem assinatura (21 de setembro de 1917). *O Football*, p.3.

3. Quintaneiro (1995: 39).

de casamentos “arranjados” pelos pais, além do fato de as uniões conjugais serem usadas na época como meio de ascensão ou manutenção do *status* social, principalmente entre as famílias ricas e burguesas, conforme assinala D’Incao (2002: 229). Diante desse cenário, o processo de modernização dos espaços públicos, idealizado pelos republicanos, foi decisivo para a transformação dos costumes das famílias brasileiras, especificamente aquelas ligadas aos setores dominantes do meio urbano. De acordo com padrões sanitaristas adotados nas reformas urbanas e na construção das cidades, não só os logradouros públicos como também as residências deveriam oferecer mais conforto. Nesse período, as festas, saraus, bailes e outros eventos realizados dentro das casas contribuíram para a ampliação da vida social feminina.

Em Belo Horizonte, como em outros centros cujos costumes modelavam-se nos modismos europeus, os bailes e outras atividades que, inicialmente, eram realizados exclusivamente dentro do espaço da casa ganharam, nas primeiras décadas do século XX, novos lugares para sua realização. A ampliação da convivência social nos espaços públicos era vista como condição *sine qua non* para que a sociedade atingisse os padrões mínimos de civilização. As elites, ansiosas por participar de eventos elegantes e cosmopolitas, iniciaram assim um processo de fomentação de atividades nos espaços públicos. Lugares como os cafés destinavam-se primordialmente ao público masculino, como assinala Silveira (1996: 149). Já os bailes e saraus, promovidos inicialmente em clubes criados para esse fim, como o *Club* das Violetas e o *Club* Rose, eram frequentados pelas famílias mais importantes da cidade. A partir dos anos 1910, com o surgimento dos clubes de futebol e as suas sedes sociais, ampliaram-se as possibilidades de as mulheres frequentarem espaços públicos destinados ao lazer. Nessa lógica, deduz-se que a presença das mulheres nos estádios foi, a princípio, vinculada à sua participação em outros eventos sociais promovidos pelos clubes de futebol, com destaque para os bailes. Para o público feminino, o espetáculo esportivo representaria, portanto, um momento de ampliação da convivência social que não se resumia aos estádios, mas a um circuito de sociabilidade que se estendia aos bailes e outras festividades promovidas pelas agremiações como festas beneficentes, jantares e concursos de beleza.

No entanto, é possível contrapor outras explicações a essa primeira formulação, que tende a se apresentar como a mais natural. Analisando-se detalhadamente as histórias de *Athletico* e *America*, percebe-se que a fundação de suas respectivas sedes sociais se deu aproximadamente no final da década de 1910. Isso indica que a ocorrência de mulheres nos jogos de futebol, já a partir de 1913, é anterior ao advento dos bailes e de outros eventos sociais, o que exige outras explicações para esse fenômeno.

No caso do *Athletico*, a presença feminina foi marcante desde sua fundação: muitas das reuniões que antecederam a criação do clube ocorreram na casa de Dona Alice Neves, mãe de Mário Neves, um dos fundadores, ponto de encontro dos atleticanos e onde muitos atletas faziam suas refeições. Os relatos da época indicam que foi Dona Alice quem bordou a primeira bandeira alvinegra e, em sua residência, eram feitos os uniformes do time. Aí também se deu, em 25 de março de 1908, a criação da primeira torcida uniformizada do Brasil, da qual participavam várias moças que também ajudavam na manutenção do clube, conforme

Ziller (1974: 213). Atitudes como essa contribuíram decisivamente para a adesão das mulheres belo-horizontinas ao futebol, já que a presença feminina nos jogos do time provavelmente incentivou a participação das torcedoras de outros clubes. Além disso, naquela época, apesar da cidade contar com uma boa diversidade de espaços de convivência, a carência de eventos sociais tornava o futebol uma das atividades mais atrativas para a população como se pode depreender dessa crônica publicada em 1913:

Bello Horizonte tem tudo: avenidas, praças, passeios bellisimos, prado de corridas, campo de foot-ball, theatro, enfim, todos os divertimentos de uma cidade civilisada. De que valem esses, porém, esses divertitmento, se elles estão abandonados? Não se vê uma viva alma do 'smartismo' mineiro gozando das delícias dessas largas avenidas, os encantos das vastas praças, ostentando artísticos cantos, onde somente o zumbido dos insetos à falta de uma banda de música, quebra a monotonia em que vivem esses logradouros públicos!⁴

Vários estudos que se debruçaram sobre as crônicas permitem atribuir ao espaço urbano um lugar de destaque no processo de construção de sociabilidades em Belo Horizonte. Dentre eles, o de autoria de Julião (1996: 83) aborda os paradoxos apresentados pela modernidade em na jovem capital mineira, como, por exemplo, o fato de a cidade ter sido planejada para multidões, mas abrigar as minorias compostas pelas camadas médias e altas da sociedade. A razão desse paradoxo estaria no caráter superficial da modernização, que contemplou o espaço urbano, mas não atingiu estruturalmente a sociedade, distanciando fisicamente as classes e perpetuando, assim, as desigualdades sociais. As crônicas publicadas nas primeiras décadas do século XX revelam que, apesar do moderno aparato edificado, Belo Horizonte ainda estava longe da efervescência típica da vida urbana. A chamada vida *smart* composta por uma série de hábitos modernos só se instalariam na cidade ao longo das décadas subsequentes. Para esse propósito, a imprensa exerceu um papel decisivo, ao estimular a prática de novos hábitos e condenar práticas consideradas incivilizadas.

5. As mulheres e o futebol: a formação de um novo *habitus* feminino em Belo Horizonte

Essa fase do futebol em Belo Horizonte foi marcada pela presença feminina nos estádios —a proporção de mulheres nas torcidas era significativa: em algumas ocasiões estima-se as mulheres representavam aproximadamente a metade do público total.⁵ Não eram somente as moças e os rapazes que frequentavam os jogos: famílias inteiras marcavam presença, com a mesma fidelidade com que iam à missa dominical. No entanto, as motivações eram

4. Sem assinatura. (Outubro, 1913) Vita Nº6.

5. Informação extraída da entrevista concedida pelo Sr. Salim Salum, em 5 de agosto de 2002, no escritório da empresa de engenharia da família Salum, situado à rua Timbiras, n.559, no bairro Funcionários, em Belo Horizonte. Recurso utilizado: gravador; 1 hora e vinte minutos de diálogo; 50 minutos de gravação.

diferentes para cada espectador: os moços buscavam a disputa e a vibração dos jogos; as moças, o divertimento de ver os atletas em calças curtas, com as pernas de fora, conforme revela o depoimento de Sílvia Bonfioli, torcedora do Palestra Itália nos anos de 1920:

Os moços iam porque gostavam do jogo. Vibravam, gritavam eram muito mais atentos ao jogo. Já as moças iam para ver as pernas dos rapazes. Naquele tempo os homens não usavam bermudas como hoje em dia. Era só calça cumprida. Para ver as pernas, era uma dificuldade danada. O futebol era uma das poucas ocasiões que isso acontecia. Eu e minhas amigas sentávamos juntas só para escolher as pernas mais bonitas do jogo. Isto é que era a diversão.⁶

Revelam-se, assim, as várias abordagens possíveis para se compreender a lógica da disseminação do futebol entre o público feminino da capital mineira. A primeira delas está relacionada à manutenção dos valores familiares. Levando-se em consideração a tese proposta por Hobsbawm (1979: 247) de que a “família era a unidade básica da sociedade burguesa”, percebe-se que o espetáculo do futebol promovia sua integração, tal como os eventos tradicionais, festas religiosas e missas, nos quais predominava sua presença. Por outro lado, se os jogos atraíam as famílias, principalmente da elite, obviamente eles se tornaram um meio de encontro entre elas. As partidas e os bailes promovidos pelos clubes transformaram-se em eventos importantes para a constituição de namoros e casamentos como revela a entrevista de Paulina Lodi sobre o casamento da sua prima Elvira Lodi, com o jogador Ninão do Palestra Itália:

Era comum as paqueras no campo de futebol. As meninas iam para lá se encontrar com os rapazes nas arquibancadas, mas havia aquelas que se interessavam pelos jogadores. As cenas de romance sempre aconteciam. Os jogadores acenavam e mandavam beijos para as moças nas arquibancadas. Depois dos jogos a mesma situação ocorria nos bailes. Os jogadores eram sempre os mais requisitados, durante os bailes, eles escolhiam com quem iam dançar, pois havia muitos beijos para as moças nas arquibancadas. [...] Eu não tenho dúvida que o futebol aproximava as pessoas. O jogo era uma desculpa para os encontros amorosos.⁷

As palavras da torcedora palestrina sugerem que para além das suas funções higiênicas e civilizadoras, os espetáculos futebolísticos colaboraram para fortalecer os laços que serviram para a manutenção e a ascensão social dessas mesmas famílias. Assim, além de seu caráter esportivo propriamente dito, o futebol tornou-se elemento de uma estrutura social urbana na qual múltiplas formas de sociabilidade se interpenetravam.

A atmosfera romântica que envolvia os jogos de futebol era refletida pelos jornais da época. Os cronistas de então ressaltavam a presença feminina nas partidas, tecendo fervorosos

6. Trecho extraído da entrevista de Sílvia Francisca Bonfioli, realizada em 2 de maio de 2003 em sua residência em Belo Horizonte, cujo endereço não pode ser divulgado a pedido da família. Recurso utilizado: gravador; 1 hora de diálogo; 40 minutos de gravação.

7. Entrevista da Sra. Paulina Lodi realizada em dois de maio de 2003 em sua residência, na cidade de Belo Horizonte, cujo endereço não pode ser divulgado a pedido da própria entrevistada. Recurso utilizado: gravador; 1 hora e trinta minutos de diálogo, 1 hora de gravação.

elogios às moças que frequentavam os estádios e que, por descrição, em razão do clima sigiloso que envolvia os romances, eram identificadas apenas com as iniciais dos nomes:

Senhoritas F.M. e O M. Sabemos que muitos corações de foot-ballers têm andado 'doidinhos' pela bella sympathia em que se envolveu as senhoritas... Nos bailes, então, a alma apaixonada de um conhecido player suspiros em dolentes harpejos e nós, senhoritas, observando essa tortura, perguntamos a Deus, porque existem no mundo, torcedoras de tão fulgurante beleza!⁸

Além das crônicas, os jornais também recebiam correspondências das torcedoras e respondiam em suas edições. Com isso, a imprensa contribuiu decisivamente para a cristalização da participação feminina na rede de sociabilidades desenvolvida em torno do esporte. Como os vínculos entre as mulheres e o futebol se estreitavam cada vez mais, os jornais belo-horizontinos passaram a promover os concursos de “Rainha”, “Princesa” e “Madrinha do Clube”. As candidatas, pré-selecionadas pelos cronistas, eram convidadas a participar das promoções, que se desenrolavam num clima de muita expectativa. Normalmente, as eleições começavam no início dos campeonatos e terminavam no meio da temporada. Os nomes das competidoras eram publicados nos jornais juntamente com as cédulas, que eram recortadas pelo público e depositadas em urnas nos estádios. Não havia nenhum tipo de controle sobre a votação, e qualquer um podia votar quantas vezes quisesse. Semanalmente os jornais publicavam a apuração dos votos recolhidos até então⁹.

Nota-se, assim, como o futebol, por meio de festas, concursos e outros eventos, ultrapassava o *locus* do estádio e se estabelecia em várias esferas do cotidiano da cidade. Se, para os homens, o esporte significava competição, virilidade e rivalidade, permitindo-lhes experimentar as emoções de um novo estilo de vida, para as mulheres, o futebol também teve um significado relevante. Além da ampliação do convívio com o sexo oposto nos espaços públicos, o futebol permitiu uma maior imersão da mulher nos círculos sociais. Os valores tradicionais vigentes no século XIX, que defendiam um modelo de mulher enclausurada no lar, perdiam força à medida que atividades como o futebol abriam as portas do universo feminino para a chamada vida *smart*.

No início do século XX, nas cidades brasileiras, a participação em eventos sociais tornava-se, um hábito cada vez mais difundido entre as “boas famílias”. Os novos valores assimilados pelos grupos familiares sinalizavam para a construção de uma mulher diferente que, perante a sociedade moderna, deveria se apresentar educada e culta, prestando-se sempre como boa anfitriã e mãe dedicada. Mas, para tanto, ela não poderia ficar trancafiada em casa, alheia aos acontecimentos sociais. Até para fortalecer a imagem masculina, as mulheres deveriam mostrar-se à altura dos seus maridos que, com efeito, eram bastante dependentes da imagem produzida pelas esposas nos círculos sociais, ainda que a autoridade nunca saísse das mãos masculinas, conforme adverte D’Incao (2002: 229).

8. Sem assinatura (21 de setembro de 1917). O Football, p.3.

9. Segundo depoimento da Sra. Sílvia Francisca Bonfioli, 2 de maio de 2003, op. cit.

Paralelamente aos crescentes movimentos feministas que, em várias partes do mundo, reivindicavam melhores condições de trabalho e igualdade social para as mulheres, as transformações dos costumes comprovavam a ascensão social de uma nova mulher. Tais mudanças, no entanto, não se davam sem a reação dos setores mais tradicionais e conservadores da sociedade, que contestavam essas transformações e a suposta desintegração da família atribuída à nova rotina adotada pelas mulheres, como se pode vislumbrar a partir de uma crônica publicada em uma revista destinada ao público feminino:

Hoje em dia, preocupada com mil frivolidades mundanas, passeios, chás, tangos e visitas, a mulher deserta do lar. É como se há um tempo se evadisse um ídolo. É como se a um frasco se evolasse um perfume. A vida exterior, desperdiçada em banalidades, é um criminoso esbanjamento de energia. A família se dissolve e perde a urdidura firme e ancestral dos seus liames. “Rumo a cozinha”!¹⁰

Por sua vez, o discurso positivista adotado pelos republicanos pregava que a família era o suporte do Estado. Sendo assim, todos os esforços possíveis deveriam ser empenhados em prol da manutenção dos valores familiares. Nesse sentido, a aproximação entre família e futebol configurou-se como um dos sustentáculos desse empreendimento.

Ao reunir as famílias nos estádios, os eventos futebolísticos propiciavam momentos de sociabilidade nos espaços públicos, promovendo a integração social entre os próprios membros da família, e, simultaneamente, inserindo-as nas emergentes práticas de lazer que floresceram no início do século XX. Além disso, a presença feminina nos estádios incentivava o comparecimento do público masculino como descreve Salim Salum, ex-dirigente e torcedor do *America Football Club* nos anos de 1920:

Os jogos eram um grande acontecimento na minha mocidade. Não tem como comparar com hoje em dia. Nós íamos mais cedo para o estádio, pois sabíamos que as moças iam chegar depois. O momento mais esperado era quando elas chegavam com suas famílias. Nós levantávamos e cedíamos os lugares para elas se sentarem. A partir daí, iniciava-se uma conversa... Era o grande momento para paquerar. O cinema, o teatro, a missa eram coisas muito formais. Então você via a moça ali, no estádio, e à noite, no baile, quando encontrasse com ela, tinha algum assunto para falar.¹¹

Por meio da análise do fragmento dessa entrevista é possível especular que a presença das famílias nos estádios, especialmente das moças, contribuiu decisivamente para o processo de difusão do futebol na capital mineira na medida em que os jogos se tornaram um ponto de encontro da mocidade. Apoiada pela imprensa, a presença feminina nos estádios se configurava como um fator extremamente positivo ao progresso das práticas esportivas na cidade como destacava a crônica publicada pelo jornal *O Football*:

10. Sem assinatura. (Agosto de 1920) Revista Feminina.

11. Entrevista do Sr. Salim Salum em 5 de agosto de 2002, op. cit.

A radical mudança que, milagrosamente, se operou na sociedade horizontina, no que diz respeito às cousas de sports, é a mais bella victoria que o football conseguiu no seio de nossas familias. O match Flamengo-America attraiu ás archibancadas do Prado numero tão apreciável de familias, (as mais distinctas de B. Horizonte) que vale pela melhor recompensa dispensada á rapaziada do America. Ainda há bem pouco as nossas gentis patrícias, ao verem os foot-ballers de calção atravessando as ruas, achavam-nos ridículos, grotescos. Muitas vezes ouvimos critica impiedosa que moças faziam de nossos sportsmen. Os nossos campos de football não apresentavam o aspecto festivo de hoje, por isso que não eram aquecidos pelo sol de olhares femininos e não lhe recebiam a harmonia de seu sorriso crystalino... [...] Felizmente, Belo Horizonte já tem um número considerável de “torcedoras” que hendem o football, que nos momentos de angustia deixam escapar uma interjeição que exprime a aflicção, o sofrimento de verem o “goal” da sua sympathia perigando.[...]12

A crônica se constitui em um documento emblemático no sentido de se compreender as transformações nos costumes da época: por favorecer a exposição pública dos corpos masculinos, o futebol, num primeiro momento, foi visto com desconfiança pelas famílias mineiras. No entanto, com o decorrer do tempo e o aumento da atratividade dos jogos, o esporte foi paulatinamente caindo no gosto da elite belohorizontina. Além de revelar as transformações nos hábitos da sociedade, cujas famílias mais importantes se rendiam aos prazeres do jogo de futebol, a crônica evidencia o protagonismo das mulheres no espetáculo, demonstrando que a presença feminina se constituía como uma das atrações do jogo de futebol, considerado, naquela época, uma festa social.

Em 1927, outro periódico esportivo da cidade, ressaltava a presença feminina no estádio do *America Football Club*. Nessa oportunidade, entretanto, o cronista não camuflou a identidade das mulheres por meio das suas iniciais: os nomes e apelidos das senhoras e senhoritas eram grafados por extenso. A identificação das mulheres indica que a presença feminina da elite belo-horizontina nos espetáculos futebolísticos merecia destaque por parte da imprensa:

A tarde esportiva de domingo passado, pode-se afirmar, uma das mais agradáveis do anno, pelo crescido numero de lindas admiradoras dos sports, que compareceram ao “stadium” americano. Era mesmo agradável o aspecto apresentado pelas archibancadas, onde se notava a presença de centenas de senhorinhas, cada qual salientando-se ao longe, pelos seus delicados vestidos e pelos seus diferentes modos de torcer. Assim, dentre essas innumeras senhorinhas, que ornavam a praça de esportes do alvi-verde conseguimos colher os seguintes nomes; Senhoritas Nenen Alluoto, sympathica rainha dos sports, Izzota Pezzi, Loló Melo, Lina Alluoto, Zita Coelho, Paulina Alluoto; Ilda Perucetti, Ita Salles, Iolanda Arnoni, Ida Bianchi, Carmita Lopes, Violeta Franca, Ephigenia Franca, Florminaria Franca, Helena Pereira, Maristella Franca. [...]Tambem estiveram presentes as senhoras Jacomo Lluoto, Armando Dantas, Joaquim Cartacho e Ivo Mello.¹³

12. Sem assinatura (13 de setembro de 1917) O Football, p.2.

13. Sem assinatura. (17 de dezembro de 1927) Gazeta Esportiva, p.2.

Mantendo o tom galanteador que se via nos jornais de 1917, a reportagem estampava uma lista de mais de cinquenta senhoritas, além de quatro senhoras, cujas identificações traziam os nomes dos seus respectivos esposos. A crônica buscava reforçar a importância da presença feminina no estádio, indicando o caráter agregador que os jogos esportivos adquiriam naquele contexto. Além disso, o texto identificava a rainha dos *sports* da temporada, cuja eleição, evento extremamente concorrido, era organizada pela própria imprensa, conforme mencionado anteriormente.

Não eram apenas os jornais esportivos que destacavam o interesse das mulheres pelo futebol na capital mineira. O semanário *Footing*, circulante em Belo Horizonte no ano de 1921, publicação destinada ao público feminino também trazia inúmeras referências da relação entre as mulheres e o futebol:

Linda tarde de domingo. Autos e bondes repletos passam incessantemente caminho do Prado, onde nossos guapos e jovens conterrâneos se entregam valentemente às pugnas do Football. A varanda de sua residência, Senhorita aprecia o desusado movimento da rua. Senhorita é apaixonada pelo futebol e aguarda ansiosa a nova do resultado. A quem caberá a victoria? Qual club será o vencedor? E aqui para nós: um dos clubs é homônimo de Senhorita. E nessa expectativa, ali fica, encantadora e gentil, na esplendente beleza de sua radiosa mocidade. Alva de neve, os olhos claros e expressivos meio velados por cílios negros e longos, muito loira, muito formosa, delicioso sorriso entre as trepadeiras em flôr que guarnecem a varanda de sua pitoresca vivenda, dir-se-ia a imagem linda da Graça.¹⁴

A descrição da senhorita América na varanda da sua casa em uma tarde de domingo, além de revelar o suposto interesse da moça pelo jogo em questão permite perceber traços do cotidiano da cidade alterados pelas partidas de futebol. O movimento de automóveis e bondes em direção ao estádio do Prado Mineiro, distante aproximadamente 3 km do centro da cidade, indica o interesse despertado pelos jogos que se tornaram verdadeiros espetáculos festivos nos finais de semanas.

A fase em que dominou a presença das elites nos estádios belo-horizontinos durou aproximadamente até o final da década de 1920, marcou a disseminação do futebol e das atividades sociais agregadas à dinâmica dos principais clubes da capital. A partir de 1927, o futebol belo-horizontino, acompanhando uma tendência que percorria os principais centros do país, iniciou uma nova fase denominada de “amadorismo marrom”. No ano de 1929, o *Athletico* inaugurou o Estádio Antônio Carlos, com capacidade para mais de 10 mil expectadores, que representava quase cinco vezes o tamanho dos outros estádios da cidade. A ampliação da praça esportiva contribuiu decisivamente para que o clube pudesse cobrar preços populares dos ingressos em seus jogos, atraindo, dessa maneira, torcedores de variados segmentos sociais. No bojo desses acontecimentos, com a crescente popularização do esporte aliado à melhoria da qualidade técnica dos atletas, os clubes passaram a conceder “incentivos” financeiros aos jogadores, dando início ao processo que culminou em 1933 com a profissiona-

14. Sem assinatura. (19 de março de 1921) *Footing*, p.2.

lização do futebol na maioria das capitais brasileiras. Esse período, entretanto, não pode ser incluído no recorte temporal deste trabalho, uma vez que, ao ser absorvido pelas camadas menos favorecidas da população, o futebol assumiu novas representações socioculturais, diferentes daquelas encontradas nas duas primeiras décadas do século XX. Concomitantemente ao processo de popularização dos espetáculos futebolísticos, podemos especular, por meio de representações extraídas dos periódicos, que o aumento da rivalidade clubística e a própria masculinização dos espetáculos de futebol, conforme salientam Elias e Dunning (1996: 324), ocorrida a partir dos anos de 1930, em Belo Horizonte, contribuiu para diminuição da presença das famílias nos eventos esportivos. A partir de então, o futebol experimentou diferentes rearranjos na sua configuração social, nos quais a presença feminina passou a assumir outros significados que fogem aos desideratos desse estudo.

6. Resultados e conclusões

Os indícios fornecidos pelos registros escritos e orais arrolados neste estudo indicam que os espetáculos futebolísticos foram espaços sociais que permitiram a integração das mulheres burguesas à chamada *vida smart* belo-horizontina, nas primeiras décadas do século passado. Carente de espaços que promovessem o encontro direto entre homens e mulheres, a cidade encontrou nos estádios e nas sedes sociais dos clubes ambientes propícios para tal finalidade, que serviram como verdadeiros “pontos de encontro” para os jovens das elites belo-horizontinas. Pode-se também afirmar que a penetração futebolística em várias esferas do cotidiano das classes abastadas reforçava a função higiênica do esporte, preconizada pelo Estado e amplamente difundida pela imprensa. Simultaneamente, a ampliação da circulação feminina nos espaços públicos, contribuiu para a inserção das mulheres nos ditames civilizatórios incorporados, inicialmente, pelas classes dominantes.

Se no início do século os costumes estavam em plena transformação, os campos de futebol serviram como termômetro dessas mudanças. O extravasamento das emoções típico das partidas era experimentado inclusive pelas mulheres, que aplaudiam, torciam, gritavam e choravam com os gols, contra ou a favor, de alegria ou de tristeza. Dessa forma, o futebol contribuiu para a transformação do modo de ser feminino — que abandonou um tipo de conduta na qual imperava as formas extremas de formalidade e solenidade, o típico comportamento de uma “dama” — e para a construção de uma nova identidade promovida pela aquisição dessas novas práticas sociais.

Para se compreender a formação de um novo *habitus* feminino em Belo Horizonte, é preciso ter em mente que as transformações sociais não são processadas necessariamente de forma integrada, consciente e organizadas, mas podem se materializar nas maneiras de agir, nas trocas simbólicas e nas disposições hierárquicas dos indivíduos e grupos. A presença feminina nos estádios se deu a partir da própria dinâmica cultural da cidade que, por sua vez, foi influenciada pelos gostos e costumes europeus. Uma vez cristalizado como um hábito da alta

sociedade, o futebol provocou nas mulheres uma forte identificação com um novo estilo de vida emergente. O conjunto de eventos que constituíam o universo futebolístico — os jogos, os bailes e os concursos de “madrinhas dos clubes” — possibilitou que as mulheres participassem efetivamente das atividades mais concorridas e requintadas da época. Entretanto, tais eventos, apesar de terem ampliado os espaços de convivência entre homens e mulheres, não interferiram na hierarquia social então vigente, pois as mulheres continuaram a ser reconhecidas socialmente à sombra do universo masculino. O tom galanteador dos discursos das crônicas e os concursos de beleza realizados entre os clubes de futebol, denota que no espaço futebolístico cultuava-se a ideia de uma mulher objetificada, enquadrada nos padrões da masculinidade vigente, na qual seus atributos físicos eram o principal objeto da admiração da imprensa, do público e dos próprios futebolistas.

A despeito de sua objetificação, de forma ambígua, no circuito social promovido pelos clubes de futebol, as mulheres experimentaram os novos prazeres que a cidade lhes oferecia. Da visão das pernas masculinas desnudas correndo pelos campos, passando pelos glamorosos bailes nos requintados salões, até os concursos de beleza, o futebol permitiu às jovens da elite local experimentar o *smartismo* e o frenesi que emergiam na sociedade belo-horizontina, entre os anos 1910 e 1920, apesar do fato de muitas dessas novidades se contraporem à ordem patriarcal e aos valores das famílias mais tradicionais da capital do estado. Vem daí o caráter conflituoso da relação família/sociedade/futebol. Se, por um lado, os eventos futebolísticos despertavam grande interesse nas famílias mais “modernas”, por outro, os mais conservadores viam-no com certa desconfiança. Daí a relevância da participação feminina no esporte para a construção de uma nova identidade social, já que tal participação também se deu como um gesto de contestação dos antigos valores. Mesmo levando-se em consideração a presença de muitas famílias nos campos, a oposição dos conservadores marcava essa diferenciação.

Assim, ao se considerar que a construção da identidade e da diferença são processos interdependentes, é possível afirmar que o futebol teve grande influência na construção de uma nova mulher burguesa belo-horizontina que se contrapunha ao modelo feminino cristalizado até o final do século XIX. Por outro lado, esse tipo de *habitus*, conformador de novas identidades sociais, não pode ser generalizado como matriz explicativa para o entendimento do comportamento feminino na totalidade das cidades brasileiras em que o futebol despontou como uma prática social significativa. Tampouco pode significar o enquadramento das mulheres oriundas das classes populares ao universo simbólico dos espetáculos esportivos, uma vez que suas relações com o mundo do trabalho lhes forneciam diferentes códigos de conduta e de reconhecimento social, levando-as, evidentemente, a construir outras formas de experiências e significados com o futebol espetáculo. Portanto, não basta apenas reconhecer que o processo de difusão do futebol no Brasil, abrangeu em três décadas, quase a totalidade do território. É necessário incorporar às análises, a perspectiva dos estudos de gênero com enfoque local e regional, que visa reconhecer na perspectiva das dinâmicas locais e no tensionamento das relações de gênero, as chaves explicativas para o saber histórico.

Referências bibliográficas

- BONFIM, A. (2019). *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição*. Trabalho final de mestrado: Escola de Ciências Sociais, Fundação Getulio Vargas.
- BOTELHO, L. (2022). Elas e o Clube Atlético Mineiro. En DUCCA, C. et al. (coords.). *Nós Somos do Clube Atlético Mineiro: a história do Galo*. Belo Horizonte: Onze Cultural.
- BOURDIEU, P. (1971). *Le marché des biens symboliques*. *L'Année sociologique*. Paris: PUF.
- BOURDIEU, P. (1979). *La distinction*. Paris: Minuit.
- COLLINS, P.; BILGE, S. (2021). *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo.
- D'INCAO, M. (2002). Mulher e família burguesa. En DEL PRIORE, M. (coord.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, pp. 223-240.
- COUTO, E. (2003). *Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)*. Trabalho final de mestrado: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. (1996). *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. México: Fondo de Cultura Económica.
- FRACCARO, G. (2017). Mulheres, sindicato e organização política nas greves de 1917. *Revista Brasileira de História*, v. 37, pp. 73-90.
- HOBBSAWM, E. J. (1979). *A era do capital: 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- JULIÃO, L. (1996). Itinerários da cidade moderna (1891-1920). En DUTRA, E. (coord.). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/Arte, pp. 60-117.
- MELO, V. (2010). Esporte, cidade e modernidade: Rio de Janeiro. En MELO, V. (coord.) *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, pp. 19-48.
- NEVES, L. A. (2000). Memória, História e sujeito: substratos da identidade. *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*, n.3, pp. 109-116.
- PEREIRA, L. (2000). *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- QUINTANEIRO, T. (1995). *Retratos de mulher: o cotidiano feminino no Brasil sob o olhar dos viajeros do século XIX*. Petrópolis: Vozes.
- RIBEIRO, R. (2007). *A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: Os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. Trabalho final de mestrado: Universidade Federal de Minas Gerais.
- RODRIGUES, M. (2006). *Constituição e enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*. Trabalho final de doutorado: Universidade Federal de Minas Gerais.
- SALGUEIRO, H. (1997). *Engenheiro Aarão Reis: o progresso como missão*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.

SCOTT, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação & Realidade*, v.20, nº 2, pp. 71-99.

SOUZA NETO, G.; CAMPOS, P.; SILVA, S. (2013). Das Senhoras e Senhorinhas nos 'Grounds' do Sport Bre-tão: a história da mulher nos campos de futebol em Belo Horizonte/MG (1904-1920). *Licere* (Centro de Estudos de Lazer e Recreação. Online), v. 16, pp. 1-13.

ZILLER, A.(1974). *Enciclopédia do Atlético*. Belo Horizonte: Leme.